

JA é costume nas revistas desta Editora transcreverem-se artigos e conceitos publicados em outras revistas ou jornais que venham ao encontro da nossa idéia: de que as histórias em quadrinhos não fazem mal a ninguém; de que as histórias em quadrinhos são uma revolução no jornalismo contemporâneo; de que as histórias em quadrinhos bem orientadas vieram completar a parte que faltava na época da velocidade — síntese na leitura.

A transcrição de hoje, "Onde o tempo para ler romance?", é de autoria de Evaristo de Moraes Filho, nome que traz em si uma tradição de saber, de esforço e de inteligência. Foi publicada na revista "A Cigarra", de agosto passado. Vejam, os leitores, como Evaristo de Moraes Filho vem ao encontro de nossa orientação...



ONDE O TEMPO PARA LER ROMANCE?

EVARISTO DE MORAES FILHO

Brito Broca fez uma reportagem para *Jornal de Letras*, indagando de alguns escritores e homens de letras qual o seu personagem preferido no romance. Como não poderia deixar de ser, as respostas foram as mais variadas possíveis, conforme o temperamento de cada um, embora todos, ou quase todos, se inclinasse por personagens do romance moderno. Tipos românticos, heróicos, líricos, trágicos e até simplesmente policiais foram apontados. Mas, o que mais surpreendeu foi a confissão de um grande número de entrevistados de que não tinham mais tempo para ler romances, daí se limitarem aos personagens de um certo tempo para trás.

Essas pessoas, que assim respondiam, estavam em torno ou além dos quarenta anos, algumas com uma década adiante. Haviam-se dedicado ao jornalismo, à política, à advocacia, não faziam crítica profissional, não precisavam do romance como matéria prima para a sua tarefa de todos os dias.

Compreendemos bem a sua resposta, que vinha coincidir com um ponto de vista de há muito suscitado e observado por nós. Tornou-se lugar-comum, dos mais repetidos, dizer que a vida atual é excessivamente dinâmica, apressada, corrida. Como que todos os atos da simples existência de um cidadão comum são medidos a cronômetro elétrico, de precisão. Um minuto de atraso lhe pode ser fatal; perde o avião, o ônibus, o trem, o bom lugar no cinema, o último pedaço de filé no restaurante. Tudo é corrido, tudo ansioso. Fazem-se concursos — os que não têm pistolão — para a obtenção de

bons cargos, públicos e particulares, e a eficiência do trabalhador é medida a bico de alfinete, racionalizadamente. Para o cidadão viver e conseguir mais cruzeiros para o seu orçamento, no louco propósito de compensar com mais papel-moeda na sua mão a sua quantidade sempre maior que o governo põe na rua, é preciso conseguir mais de uma fonte de renda, mais empregos, mais ocupações.

Onde o tempo para ler romances? Raros são os que podem ainda hoje conhecer Julien Sorel de *Le rouge et le noir* de um fôlego só. Não são muitos os que poderão acompanhar Proust pelos seus salões parisienses e pelos seus mexericos de gênio. Raszkolnikof e Muischikine de Dostoiewski ficarão ausentes da sensibilidade de quem não os pôde encontrar há alguns anos antes. O Dr. Setembrini de Thomas Mann talvez fique sufocado dentro da sua *Montanha Mágica*, sempre fechada, à espera de mãos desocupadas que a comecem a folhear.

Para o homem maduro, que não faça da crítica e da coisa literária o centro mesmo da sua vida, o tempo é pouco para os conhecimentos técnicos, científicos, filosóficos da atualidade. A sua necessidade de ficção é satisfeita pelo cinema e pela televisão. Em duas horas de espetáculo ele vê ao vivo, em cinemascópio com som estereofônico perfecta, o Júlio César de Shakespeare, o Quo Vadis? de Sienkiewicz, *As Vinhas da Ira* de Steinbeck, o *Pigmalião* de Bernard Shaw. Enquanto fazia a digestão do jantar, recebe a sua ração diária, ou três vezes

por semana, de ficção. Volta para casa e recomeça as suas leituras de ensaios e de livros técnicos, sem haver interrompido o seu interesse permanente.

Infelizmente a verdade é esta. O homem moderno prefere o conto, a novela curta aos imensos romances intermináveis, em vários volumes. Estamos falando de intelectuais, e não de cozinheiras ou de emotivas donas de casa que se contentam com as novelas pelo ar, tipo *Mamãe Dolores*, de muita histeria, muita lágrima e nenhuma literatura. O professor de Direito, de Engenharia, de Filosofia, de Sociologia, o juiz, o político, o economista não dispõem de muito tempo para leituras de ficção. A sua cultura, neste particular, vai ficando em atraso, à espera de umas férias longas ou de uns fins-de-semana para se colocar em dia. Mas, e a família? E os compromissos?

Além do mais, pela tremenda especialização a que a vida força cada um de nós e pela atual riqueza bibliográfica em ensaios de toda ordem, não sobram tempo nem dinheiro para a leitura desinteressada do romance. Não seria de estranhar se algum biógrafo de Einstein nos viesse a dizer que ele, em matéria de ficção, se limitava a ler as histórias em quadrinhos do seu jornal predileto. Aliás, um colega seu, o grande filósofo-matemático Bridgmann, professor universitário, não se pejava de dizer em aula que se deliciava com as aventuras de Brucutu e Pafúncio, mal se contendo à espera do jornal do dia seguinte...

(Transcrito de "A Cigarra" de agosto de 1956)